

## A LUMINOSIDADE DO SER: UMA INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE VERDADE E A EXISTÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DE JEAN-PAUL SARTRE

### LA LUMIÈRE DE L'ÊTRE: UNE ANALYSE SUR LE RAPPORT ENTRE VERITÉ ET EXISTENCE DANS LA PERSPECTIVE DE JEAN-PAUL SARTRE

Thiago Teixeira Santos\*

Esta comunicação visa, nos limites da fenomenologia, abordar a relação presente entre conhecimento, verdade e existência, tendo em vista a perspectiva de Jean-Paul Sartre. Nossa argumentação terá como norte o texto *Verdade e Existência* (1948) desse mesmo filósofo. Para tanto, evidenciaremos os modos de ser explicitados pelo autor francês e a participação de tais modos, se assim podemos colocar, no processo de conhecimento, ou melhor, de “luminosidade” do Ser. Quando tratamos desse iluminar referente ao ser, destacamos que há uma revelação da consciência em relação ao mundo, isto é, o Ser, ou sujeito absoluto, ou *Para-si*, toma consciência do ser e lhe confere dimensões. Revela-o. Entramos, assim, no terreno da verdade que, se interpõe entre os dois modos de ser: Em-si e Para-si. A verdade é, segundo Sartre, o ser que se mostra, tal como é, ao absoluto sujeito e isso nos leva a crer que, falarmos de verdade encerrados no nível do *cogito* seria inútil, uma vez que a essência da verdade está no “há o ser” (SARTRE, 1990, p.21). Sartre enxerga a verdade como *presentificação* do ser, isto é, ela é enquanto o Ser configura uma nova dimensão de ser.

Sartre, a partir dessa consolidação da verdade-presença, infere que ela é um evento que nasce concomitantemente ao surgimento da realidade humana e da história. Ela surge com o homem e, do mesmo modo, desaparece com ele. Trataremos também da verdade através da existência do outro e analisaremos seu fundamento: a liberdade. Trataremos,

---

\* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: [thiago\\_philosopho@yahoo.com.br](mailto:thiago_philosopho@yahoo.com.br)

pois, da revelação do mundo e, conseqüentemente, da verdade a partir das observações de Sartre.

Nosso autor, na sua primeira grande obra de destaque *O ser e nada* (1943) apresenta os modos de ser, bem como suas estruturas. Trata-se de uma obra destinada a abordar a *ontologia fenomenológica*. Segundo Heidegger a ontologia “significa a doutrina do ser” (HEIDEGGER, 2012, p.7). Sabemos que para o autor citado entre a ontologia tradicional e a hodierna se interpõe uma insuficiência, isto é, o esquecimento do ser se assim podemos colocar. Não nos dispomos a tratar dessa insuficiência, pois só nos interessa aquela determinação da ontologia enquanto verificação do ser. Destarte, podemos adentrar em nossa investigação.

Nossa investida se destina a identificar como os modos de ser analisados por Sartre se relacionam com o fenômeno, uma vez que este é a “revelação-revelada dos existentes” (SARTRE, 2009, p.35). Estamos motivados por uma questão: No fenômeno, como ocorre à verdade e mais, qual a sua relação com a existência? Antes de tudo, desmembraremos nossa intenção em etapas a fim de alcançar nossa meta com clareza e objetividade. Inicialmente trataremos dos modos de ser evidenciados por Sartre, e depois saltaremos à nossa intenção fundamental: verificar a relação entre a existência e a verdade.

Acerca do modo de ser o qual Sartre chamou Em-si podemos dizer que ele é o ser que é, ou seja, pleno de si. Não há nele qualquer abertura ou possibilidade. Ele é total. Não pode ser criado e também não é causa de si, pois se fosse criado e aqui fazemos menção a uma perspectiva criacionista Deus teria dado o ser ao mundo ratificado uma passividade abarcando o ser. Nosso autor considera que, se a subjetividade divina tivesse concebido sentido ao ser e não haveria nenhuma transcendência, ou melhor, criação de sentido, pois este já estaria dado. Desse modo, não ha *representação* (SARTRE, 2009, p.37) da objetividade, pois ela, no intelecto divino criador, seria impregnada de sentido. Ainda nessa esteira, ao colocarmos o ser frente ao criador reconheceríamos que ha uma distância entre a criação e o criador, ou seja, o ser só se afirmará contra seu criador, por esse motivo “o ser é sua própria sustentação e não conserva a menor vestígio da criação divina (...) equivale a dizer que o ser é incriado” (SARTRE, 2009, p.37). Entretanto não podemos inferir que o ser cria a si mesmo, pois seria pressupor que ele é anterior a si. Ele o ser Em-si não é *causa sui* (SARTRE, 2009, p.37) como ocorre na consciência. Com efeito, ele é a si mesmo, com

isso não há nele passividade ou atividade, pois não visa um fim e passivo porque não há ser prévio que o determine.

O ser-Em si é opaco, isso significa que para existir enquanto tal não depende de nossa consciência, isto é, de nosso posicionamento, em termos sartrianos. Ele não possui um dentro que se oponha a um fora e que seja análogo a uma consciência de si que podemos, por fora, apreender. Trata-se, portanto de um ser maciço, síntese consigo mesmo. Nele não há possibilidade ou vir-a ser, sendo assim, o ser que ainda não é, pois ele “é o que é” (SARTRE, 2009, p.39). Ele é o que é, Em-si, isto é, ele é e aparece ao ser que trataremos a partir daqui: o Para-si. Todas as relações que se dão entre o Em-si e o Para-si ocorrem nessa esfera: nas aparições. Aqui também está nossa investida, a saber, a aproximação entre verdade e existência. Do Para-si dizemos que ele surge como um lapso dentro da totalização em que se mostra o Em-si, ou seja, ele é o Ser que se coloca a si. Portanto, não surge da totalização de ser e isso porque emerge a partir do Nada. Assim inferimos que, a realidade-humana é Nada originalmente e só a partir dessa constatação pode se construir. O modo de Ser do Para-si tem consciência de sua presença e essa consciência se lança ao mundo ganhando e perdendo o seu Ser. Deste modo, a realidade humana ocorre concomitantemente à liberdade. Elas se confundem. O Ser do Para-si, ou da consciência “de”, se lança fora de si num projetar que pressupõe em última instância, um movimento de ser e uma permanente construção de sentidos.

Contrário ao ser Em-si que é denso, pleno e sem fissuras, está o Para-si que se configura pela falta, falta de ser rumo a um tornar-se. Ele é, segundo Sartre, uma “uma descompressão de ser” (SARTRE, 2009, p.122). A consciência deste modo, não se confunde com as coisas do mundo, ou seja, elas não estão dispostas na consciência como são em si. Esta mesa, por exemplo, não está, no absoluto sentido do termo em minha consciência, mas esta se dispõe a presenciá-las. A consciência posiciona o mundo iluminado. Como afirmamos, a consciência ocorre num movimento em direção ao mundo e por isso se contrapõe ao modo de ser Em-si que denota absoluto repouso de ser.

A consciência se lança ao ser que aparece, dá-lhe sentido. Aqui identificamos a verdade. A respeito dela podemos, orientados pelos escritos de Heidegger sobre a sua essência<sup>2</sup>, compreender duas atitudes diante dela: a) a passividade, ou a<sup>1</sup> pura contemplação

---

<sup>1</sup> Cf, *De l'essence de la vérité*, cap. V, Nauwelaerts et vrin, 1948.

do *Ser* tal como ele é, e reconhecer sua presença inalterável; b) atividade: construção de verdadeiros por meio de representações ou uma construção a partir da subjetividade. “É preciso agir para compreender” (SARTRE, 1990, p.20).

Vinculamos-nos à segunda atitude, uma vez que o Para-si age ao se lançar ao mundo de conferir-lhe sentido. A consciência, como mostramos, surge num lapso no cerne do Em-si tornando-se Para-si. Destarte surge o sujeito absoluto ou o sujeito que tem consciência do Em-si. Este sempre será para uma consciência que não é ele mesmo e assim surge o conhecimento. Conhecer não é transformar o Em-si em Para-si, mas dar ao Ser que é ele mesmo sentido, dimensão de ser. Dito de outro modo: “a luminosidade” (SARTRE, 1990, p. 19). Destarte a verdade é uma dimensão que vem ao Ser para a consciência. Ela é o ser, como é, que vem ao *sujeito absoluto*.

Em suma, não é coerente, para nosso autor dizer a verdade apenas nos limites do *cogito*, pois para que ela exista é preciso que haja também o ser e sua essência está no “*há o ser*” (SARTRE, 1990, p.21). A verdade ocorre na medida em que o Ser posiciona o mundo e se esvai na medida em que a realidade humana desaparece. Ela surge e acaba concomitantemente com a aparição da realidade humana. Concluimos então que, verdade está para existência do Ser que lhe confere sentido.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **De l'essence de la vérité**, cap. V, Nauwelaerts et vrin, 194

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia**: (hermenêutica e facticidade); tradução de Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica; tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Verdade e existência**; tradução de Marcos Bango. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.